

JOMARD, LUÍS, GILBERTO, PAULO ET AL.: FRAGMENTOS DE MEMÓRIA¹

Roberto MOTTA, Ph. D.

JANEIRO DE 2008

Entre meus trabalhos inéditos (que serão jogados no lixo menos de uma semana depois que eu morra) encontra-se uma longa e inacabada *História de Jomard*, que nunca paro de aumentar. Os trechos que ora apresento tratam, em esboço, de nosso relacionamento com Luís Costa Lima e da atmosfera intelectual que prevalecia no grupo por este liderado. A “história” não segue ordem rigorosa. Convém notar também que, enquanto escrevo sobre Jomard, Luís, Gilberto e outros, jamais deixo de contar a minha própria história.

Em 1962, emergindo de quase dois anos de estudos de Filosofia nos seminários de João Pessoa e de Olinda, fui a muitas festas e reuniões em casa de Luís.

1 * Dimas Veras há muitos meses me dá a honra de solicitar, para publicação, trechos dos meus cadernos de diários e memórias sobre Jomard Muniz de Britto e associados, nos primeiros anos da década de 1960. Os trechos aqui selecionados foram redigidos 25 anos, ou mais, depois dos acontecimentos a que se referem. Nenhuma memória é gratuita. Todo registro, por mais objetivo que se pretenda, é refratado pelos interesses, preferências, preconceitos de quem os redigiu. Mas garanto ao leitor que não introduzi, nem quando primeiro os redigi, nem quando os revi para esta publicação, nenhum elemento consciente de distorção. De acordo com o costume desse gênero de escritos, o texto, redigido ao correr da pena (ou do teclado), no decorrer de muitos anos, muitas vezes abandonado e retomado, apresenta repetições (que procurei reduzir) e, de vez em quando, incoerências ou “sinceridades sucessivas”, acompanhando a evolução do autor.

Dizei-me agora, musas, que tudo presenciais e de tudo sabeis, enquanto nós só ouvimos a fama e nada ao certo conhecemos, quem mais comparecia a esses eventos. Lembro-me, em primeiro lugar, de Adão Pinheiro. Sobre este, já noutro caderno eu disse quanto lamento que nosso relacionamento não tenha perdurado. Adão e eu estivemos em terras estranhas. Ainda hoje sou admirador do seu perfeito gosto artístico.² Foi em sua companhia que descobri, por exemplo, a pintura de Piero della Francesca e a música do Renascimento. Eu o conheci no Instituto Joaquim Nabuco, ao qual estávamos ambos ligados “por aquél entonces”, ele como diretor do “museu antropológico” e eu como intérprete e tradutor.

Vou enumerando nomes à proporção em que me vêm à cabeça. Sebastião Uchoa Leite. Roberto Cavalcanti de Albuquerque, algumas vezes. Walter Costa Porto, alguma vez perdida. José Luís Libonati, muitas vezes. Arthur Carvalho, provavelmente muitas vezes. Olímpio Arroxelas Galvão. O muito jovem Március Frederico Cortez, meu primo remoto. Entre as moças, lembro-me de Maria de Pompéia Imbelloni e Marfisa Cysneiros. Boa parte do grupo trabalhava na Universidade, com Paulo Freire, mas não me lembro absolutamente deste nas festas de Luís ou de Jomard.

Destaque todo especial se deve, entre os simpatizantes do grupo, a Pierre Furter. Constava que fosse suíço de língua francesa, provavelmente genebrino. Era prestigiadíssimo e escutadíssimo. Lembro-me dele fazendo pelo menos uma conferência no Serviço de Extensão Cultural --o SEC-- da que não sei se já era a Universidade Federal de Pernambuco ou se ainda era a Universidade do Recife, sobre o “Nouveau Roman”,³ tendo eu gravado, de modo especial, a passagem em que, é verdade que citando e não afirmando, ele dizia que se podiam baralhar as páginas de um livro e fazer a leitura na sequência que daí resultasse. Já se entevia a moda do estruturalismo. Era a vitória final, por uma espécie de redução ao absurdo, da sincronia sobre a diacronia. Esse Pierre Furter, que teve algum livro ou artigo publicado em português, e era ligado a não sei que instituição estrangeira --talvez ao Conselho Ecumênico, sediado em Genebra-- desapareceu da lembrança das pessoas e isto, pelo menos, desde meu retorno, em dezembro de 1964, de minha primeira e longa

2 Tratava-se não só de Adão em sentido estrito, mas de uma configuração de pessoas e ambientes, da qual também faziam parte Ariano Suassuna, cujas aulas de Estética, para meu grande proveito, eu segui na Faculdade de Filosofia durante o ano de 1962; a casa, ousou dizer, o salão de Irene e Abelardo Rodrigues; o próprio Luís Costa Lima, além de outros ingredientes.

3 Hoje exatamente, em Paris, onde mais uma vez me encontro, ouço a notícia da morte de Alain Robbe-Grillet, líder do *Nouveau Roman*, cujo nome eu havia inteiramente esquecido. Estou certo de que nunca li nem quis ler nada desse autor. Para talvez meu grande prejuízo, nem li e nem gostei. (20 de fevereiro de 2008).

viagem à Europa: 23 meses, três invernos, desde janeiro do ano anterior.

Uma palavra, também, sobre minha atuação ou minha inação. Meu prestígio era muito reduzido. Eu era encarado como um menino inofensivo e o pior é que eu era um menino inofensivo, apesar de meu senso crítico. Noutros cadernos já dissertei, *per longum et latum* sobre como eu era naquele tempo, já tracei e retracei meu *portrait of the artist as a young man*, não me dispondo aqui a refazê-lo. Eu tinha pretensões a ser inteligente, mas não tinha pretensões a liderar. Não sem algum exagero literário, direi que eu me refugiava e escondia em meu foro íntimo e, se não fosse por minha chatice (que eu talvez não tenha como exagerar), através da qual eu me comunicava e tentava me impor ao dito resto do mundo, eu passaria completamente despercebido.

Tudo, em Pernambuco, tendia a radicalizar-se nos primeiros anos da década de 60. Partindo para a Holanda logo em janeiro de 1963, não segui diretamente os desenvolvimentos deste ano, nem do seguinte. Não acompanhei, por exemplo, o percurso de Arthur Carvalho, duramente perseguido pelo regime militar, com aposentadoria proporcional e desvantagens anexas. O mesmo vale para Jomard. Se vim a adquirir elementos de Marxismo, os quais, eu penso, têm duravelmente influenciado minha visão do mundo, isto não se deve ao círculo liderado por Luís, tal como o tangenciei em 1962. Para dar uma ideia das tendências, menciono três livros que ele me sugeriu e emprestou. Eram leituras de altíssimo nível e até hoje lhe sou grato pelas sugestões e pela confiança. Primeiro, o *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure; segundo, *A Civilização do Renascimento na Itália* (ou como quer que seja exatamente o título), de Jacob Burckhardt (ou como quer que se soletre exatamente o nome), do qual me ficou a ideia do “Estado como obra de arte”; e, terceiro e principal, tendo exercido sobre mim longa e forte influência de interpretação e metodologia, *O Outono da Idade Média*, de Johan Huizinga. Nada, portanto, que se assemelhasse a uma interpretação marxista da cultura e da história.⁴ Nesse mesmo ano, mas por outros caminhos, eu me impregnaria de influência marxista lendo, como bom escolástico que sempre tenho sido, o *Manual de Materialismo Dialético e Histórico* (ou título parecido) da Academia de Ciências da União Soviética. Mas minha base religiosa e tomista era (e é) muito forte para que eu aderisse ao materialismo, mesmo dialético.

4 Lamento que, nas últimas cinco ou seis décadas, eu não tenha tido muita aproximação com Luís. Mas o certo é que, naquele tempo, nós nos dávamos bem e nunca brigamos. Luís chegou a sugerir meu nome para ministrar já não sei que disciplina da área de Literatura na Universidade Católica. (Naquele tempo eu era capaz de tudo...) Mas eu não pude ficar quando se descobriu que, ao mesmo tempo, eu estava matriculado no curso de Ciências Sociais da mesma universidade. Se o convite tivesse chegado a bom termo, minha carreira poderia ter sido inteiramente diferente.

O certo é que aqueles rapazes queriam um lugar ao sol. Eles queriam tomar parte na História, influenciar, dirigir a História. Que História fosse essa é coisa que nem eu, agora, nem, eu penso, eles, então, sabiam exatamente o que fosse. Uma coisa é certa. Não havia muito lugar, nessa história ou nessa História, para Gilberto Freyre. E vou tentar enumerar alguns motivos para tal “forclusion”. Gilberto pensava e se exprimia, não através de conceitos claros e distintos – e nisto ele tinha alguma coisa de parecido com Jomard –, mas através de “imagens” (no momento não quero explicar o que estou entendendo por esse termo). Isto não podia deixar de irritar a racionalidade de um professor como Luís Costa Lima, ou mesmo de Jomard, por mais “imagista” que, a seu modo, pudesse ser. Eu mesmo, conforme já descrevi noutros relatos, colocava, pelo mesmo motivo, Gilberto abaixo de Padre Daniel Lima. Se não fosse anacrônico,⁵ eu também o teria situado em nível inferior ao de Newton Sucupira, por me parecer que este pensasse, ao contrário de Gilberto, de maneira lógica e articulada. Eu sempre fui grande apreciador da ordem dos conceitos.⁶

Depois havia o fato de Gilberto ser arrogante, de uma arrogância que, dada a envergadura de sua obra, não podia deixar de impressionar. Gilberto era arrogante e Gilberto era diferente. Era, por assim dizer, inqualificável, ou, talvez melhor, inclassificável (até por ele mesmo). Era *ganz ander*, totalmente outro, com relação ao que se fazia ou ao que se pensava, ou talvez melhor, ao modo como se pensava, no Recife. Como entender, como etiquetar, onde colocar esse homem, que não era nada de muito definido e que queria ser tudo? Mas, se eu não tomar cuidado, jamais terminarei de falar de Gilberto, de Jomard e de mim mesmo. Essa atitude do círculo de Luís não é tão diferente da forte oposição, da verdadeira e muitas vezes ferrenha rejeição, que Gilberto sempre suscitou em Pernambuco, mais, em certas fases, entre gente de Direita que de Esquerda.

Gilberto não estava disposto a ceder espaço àqueles rapazes, nem muito menos a Paulo Freire, embora pudesse promover outros, na medida em que (como diz o Duque de Saint-Simon sobre Luís XIV) a promoção refletisse a sua própria glória. E havia também o fato de que Gilberto, a partir do fim da década de 40, havia acentuado sua adesão à Direita tradicionalista.⁷ Ora, o período em que estou me situando, era regido pelos grandes princípios da

5 Eu conheci Newton Sucupira tarde demais para ter por ele a idolatria que, aos oito anos de idade, comeci a ter por Daniel.

6 Desde aquele tempo, evolui consideravelmente em matéria de epistemologia.

7 Gosto de destacar a forte influência, exercida sobre Gilberto, pelo pensamento regionalista, tradicionalista e, a seu modo, modernista, do francês Charles Maurras (1868-1952).

Esquerda progressista. Estou sem dúvida simplificando uma história a ser escrita de modo detalhado. O movimento de Paulo Freire, de Luís, de Jomard, de Arthur e doutros, dificilmente poderia deixar de ter assumido conotação antigilbertiana, embora esses personagens não se confundissem. Paulo Freire era um, Luís Costa Lima outro.

E eu não quero também deixar de dizer que, apesar de minhas restrições, posso compreender a revolta de Gilberto diante do menosprezo que sofreu *in his own turf*. Muitos de nós, que não possuímos a grandeza de Gilberto, temos sido menosprezados em nosso próprio terreno. Mas não temos como expressar nosso ressentimento, a não ser através de comentários e diários íntimos. Para Gilberto houve a “divina surpresa” do regime militar. Com isto eu não quero dizer que tivesse se encarregado pessoalmente de denunciar Luís, Jomard, Arthur, ou mesmo Paulo Freire. Houve artigos dele muito fortes, segundo consta, contra o Reitor João Alfredo, que teria permitido aquela movimentação. Eu me lembro também de artigos com um “p. s.” do gênero “não se entende como Fulano, punido pela Revolução, esteja agora trabalhando numa subsidiária da Sudene”.

Mas não estou agora querendo escrever a história de Gilberto, porém a história de Jomard. E aquele tempo, de 1961 a 1962, foi decisivo para meu amigo, porque ele se uniu a Paulo Freire, que rapidamente assumiu a liderança de um movimento que queria acompanhar o sentido da História. Não sei o que Jomard e Arthur Carvalho possam ter dito ou escrito para merecerem, aos 25 anos de idade, o castigo da “aposentadoria proporcional”. Nem um nem outro, salvo por laivos, em maior ou menor grau compartilhados por tantos de nós, possuía, em termos marxistas, grandes adesões ideológicas. O círculo de Luís Costa Lima, ao menos em 1962, era de uma esquerda muito relativa. No próprio Paulo Freire, eu acho que predominava uma espécie de ecletismo. Todo esse povo ficava longe dos militantes do Movimento de Cultura Popular, ao qual, ao menos para efeitos práticos, não chegou a pertencer.

Jomard era um verdadeiro árbitro das elegâncias. Era ele, por exemplo, que escolhia os bares, que moda frequentávamos, *Cabana*, *Canavial*, vários outros em Santo Antônio e Boa Vista, sem excluir, incerto entre dois mundos, *O Flutuante*. Era ele que consagrava músicas, ele que viria, algum tempo depois, a ser o equivalente pernambucano dos tropicalistas da Bahia. Jomard era líder. Eu, conforme já expliquei, não era. Certamente eu ficava enciumado. Meu prestígio, eu disse, era reduzido. E, no sentido que tantas vezes dou a este termo, eu era inclassificável. Mas isto, exatamente, é a afinidade mais forte que tenho com Jomard. Somos dois “gauches” no mundo.

JUNHO DE 2008

Eu ignorava muitos detalhes do que se passou em 1963 e 1964, simplesmente porque não estava no Recife. Depois que eu voltei da Europa, no princípio deste ano de 2008, falei ao telefone com Március Cortez. E este, que antes parecia reticente, não chegou a ficar propriamente eloquente, mas me informou de coisas que eu ignorava. Jomard era uma espécie de segunda pessoa de Paulo Freire. Chegou a ser enviado para Brasília, como diretor regional do grande programa de educação de adultos dirigido por P. F.. A mesma informação, poucos dias depois, veio a ser confirmada pelo principal interessado.

MAIO DE 1999

Com Arraes na Prefeitura, em 1959, a História sofreu grande aceleração.⁸ Os de minha faixa etária e, mais ou menos, de minha origem social, nos encontramos em situação que requeria de nós opções e atitudes, decisivas para o resto de nossas vidas. Criou-se o Movimento de Cultura Popular. Não, leitor querido, eu não vou de modo algum contar a história desse movimento. Eu me sentia estranho e receoso diante do MCP. Primeiro, porque eu dele não participava, nem a ele fazia falta. Segundo, porque aquele movimento, com *slogans* como “no Recife cultura é movimento popular”, parecia condenar toda a ideia de cultura com que eu me identificava. Entre outras coisas, essa concepção compreendia o gosto pela música clássica, que eu ia muitas vezes escutar na discoteca do Departamento de Documentação e Cultura (DDC), imediatamente abolida em proveito de outras iniciativas do MCP.

Eu já tenho me descrito como um rapaz mediocrementemente endinheirado e mediocrementemente vestido, que nem sonhava, por exemplo, em possuir automóvel. Por mais modesto que fosse meu padrão de vida – o que não convém exagerar – eu não me sentia muito à vontade de estar no Teatro Santa Isabel cheio de camponeses assistindo à representação de peças sobre camponeses. Eu certamente me sentiria mais à vontade ouvindo uma orquestra alemã de música de câmara, ou assistindo uma peça de Ibsen ou de Pirandello. Eu era muito pequeno-burguês e, a meu modo, muito elitista.

Para resumir, eu e os de minha geração, ou, simplesmente, eu e os meus “pareceiros” – incluindo o indivíduo-assunto (como Gilberto Freyre gostava de dizer)

⁸ Eu, aliás, me acredito bastante cético com relação ao conceito não de história, mas de História, com H maiúsculo.

deste relato que, pelo menos em teoria, é o meu amigo Jomard Muniz de Britto – sofríamos o desafio da História e isto eu digo apesar de minha desconfiança com relação ao conceito de História. Pessoas como Jomard e eu tinham de tomar posição. Eu já disse, ou insinuei, que minha posição foi não tomar posição, ficando não digo que *au-dessus de la mêlée* (não sejamos presunçosos), mas *à côté de la mêlée*. Minha retirada inclusive se configura e representa em meus meses de seminários e em minha partida para a Europa, em janeiro de 1963.

Jomard, apesar de tudo, apesar de sua tendência *antiestablishment*, da irreverência e do “deboche”, não possuía perfil esquerdista. Eu pensaria até que, como eu, Jomard possuísse temperamento “apolítico”. Chego a pensar que, *mutatis mutandis*, J. não reagisse ao MCP de maneira muito diferente da minha. Do que me lembro ele não tomou parte na fundação do MCP. Havia lá muita gente do Partido, como meu bom amigo Samuel Kraimer (de que falo noutros trechos destas memórias), que era do PC de carteira assinada e que (agora me vem lembrança) já era funcionário do DDC antes do MCP. E, entre essa gente, pessoas de todo o Brasil e até do exterior. Eu me lembro de uma francesa chamada Ded Bourbonnais, que admitia, quando instada, que assim se chamava por causa dos amores do rei Luís XV (da dinastia de Bourbon) por uma sua antepassada. Ded, como Pierre Furter, há muitos anos saiu de circulação. *Mais où est le preux Charlemagne?*

Sobre o MCP, o leitor que se interessar pode perfeitamente ler as teses e os livros que possam já existir, ou virem a existir. Mas penso que melhor seria se lesse os jornais da época, dia a dia. Eu aqui estou quase exclusivamente confiando em minha memória. Agora eu vou mexer numa casa de maribondos, que é o do relacionamento entre, de um lado, Paulo Freire, o SEC por ele dirigido, e sua brilhante equipe e, do outro, o MCP. Eu não vou agora reler a tese de concurso de Paulo Freire, *Educação e Realidade Nacional*, mas sei que seu ideário apresentava afinidades com o do MCP.

Foi justamente o que eu fiz. Reli exaustivamente a tese de concurso de Paulo Freire, *Educação e Realidade Nacional*. Mas o que digo? O livro se chama não desse jeito, mas *Educação e Atualidade Brasileira*. A data é 1959. Eu chega me comovi abrindo esse livro, nem tanto pelo conteúdo, mas pelos 40 anos passados que revivi de um só jato, com os tipos, o papel, até o cheiro e a cor do livro, que aparece sem menção de editor, mas que foi evidentemente impresso pela Imprensa Universitária da antiga Universidade do Recife.

O ideário de P. F. apresentava, sim, afinidades com o do MCP. É verdade e não me desdigo. Mas, leitura feita, fico achando que são menores do que eu pen-

sava. O Paulo Freire dessa tese não é absolutamente marxista, embora haja influências marxistas em seu trabalho. Não poderia ser marxista o homem que, em certo trecho, diz o seguinte: “Por isso mesmo é que existir é um conceito dinâmico. Implica numa dialogação eterna do homem com o homem, do homem com a sua circunstância. Do homem com o seu Criador. Não há como se admitir o homem fora do diálogo. E não há diálogo autêntico sem um mínimo de consciência transitiva. É essa dialogação do homem em torno das sugestões e até com as sugestões que o faz histórico” (p.31).

Não faltam ingenuidades. Por influência do também ingênuo Anísio Teixeira, P. F. está convencido que o homem do povo, no Brasil, tem horror ao trabalho manual, o que implica, por exemplo, em desconhecer o gosto do homem do povo, nas cidades e no interior, por mecânica de automóvel e as mil oficinas que desde muitas décadas se abrem a cada esquina. Eu, como já disse em texto publicado, não acredito na oposição entre educação “ornamental” e “pragmática”. Um país de bons latinistas e bons helenistas, como a Alemanha guilhermina (1871-1918), será também um país de ótimos físicos e ótimos engenheiros.

Quando me meto a fazer resumos, sou geralmente de um atroz perfeccionismo e só falto copiar o livro inteiro. É o que desta vez vou tentar evitar. Vamos ver se sai tudo num parágrafo. Para P. F., o Brasil vive um período de mudança, que anuncia o tão esperado “desenvolvimento”. Esse período se caracteriza pela industrialização e pela democratização, consideradas como irreversíveis.

Tratava-se, através da educação, de adaptar o homem brasileiro às exigências dos novos tempos. A palavra “conscientização”, salvo grande engano de minha parte, não é nem uma vez usada nesse ensaio, mas “consciência”, “consciência transitiva”, ou equivalentes, aparecem muitas vezes. Pois essa adaptação ao momento histórico só poderá ser feita através da “consciência transitiva”, que envolve solidariedade e visão crítica da realidade. Em nenhum lugar o livro fala em luta de classes, nem sequer implicitamente, porém há referências ao nacionalismo, a nossa situação colonial ou semicolonial, etc..

Enfim, não resisti a meu perfeccionismo. Inclusive a lentidão com que redijo deve-se ao tempo em que fiquei lendo textos de Paulo Freire. Até parece que estou querendo escrever uma tese de doutorado, e não um simples registro de lembranças. Não resisto a transcrever trechos de outro trabalho de P. F., que por acaso encontrei à venda num *stand* do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE. Esse volumeto, de menos de 100 páginas, publicado em 1980, tem o título de *Conscientização*. O texto de P. F. tem todo o jeito

de ter sido retraduzido do espanhol ou do francês, como se percebe pela citação do verso de Manuel Bandeira, no qual, ao original *alumbramento*, corresponde agora *iluminação*.

P. F. esclarece que não inventou o termo *conscientização*, mas que o encontrou no livro de Álvaro Vieira Pinto, intitulado, se não me engano, *Consciência e Realidade Nacional*. Este livro, em certos círculos, teve bastante repercussão por volta de 1958 a 1962. No livro mais recente de Paulo Freire tudo gira, justamente, em torno de conscientização, o que me faz pensar que seu método, com todas as suas implicações existencialistas e fenomenológicas, talvez pudesse ser considerado, pelos marxistas mais ortodoxos, como mais um caso de “idealismo”, talvez de “idealismo menchevitzante”, como se dizia na época de Stálin.⁹ A categoria *consciência* é de tal modo privilegiada, que se poderia pensar que se tratasse de uma consciência *a priori*, independente, por assim dizer, de seus conteúdos e das condições objetivas da sociedade, muito embora não seja evidentemente esta a intenção de P. F.. Em *Conscientização* ele fala muito em “amor” e em “diálogo”. “A verdadeira solidariedade não se encontra senão na plenitude deste ato de amor, em sua realização existencial, em sua práxis” (p.59).

Há duas coisas que eu confesso que não sei. Primeiro se houve jamais alguém que aprendeu a ler por ter primeiro se conscientizado. Sejam quais forem os termos utilizados, as pessoas aprendem a ler reconhecendo fonemas e associando, a tais fonemas, determinados sinais gráficos, de tal modo que é afinal muito parecido dizer-se “Ivo vê a uva” e “Vavá vai viver a revolução”.¹⁰

Não se exclui que eu tenha uma ponta de despeito. Quero dizer o despeito de um provinciano por outro provinciano, o qual, contrariando as expectativas, transformou-se em estrela internacional de primeira grandeza. Quando, no primeiro semestre de 1960, Paulo Freire, não sei se com justiça, perdeu o concurso para catedrático de História e Filosofia da Educação na Escola de Belas Artes da Universidade do Recife, quem poderia ter imaginado que um dia viria a superar, em fama nacional e internacional, todos os gênios da Província? Sua adversária foi, como se sabe, a Professora Maria do Carmo Miranda, vista então como grande esperança filosófica de Pernambuco,

9 Quero lembrar-me que objeções análogas foram levantadas ao livro de Álvaro Vieira Pinto, por alguns considerado mais hegeliano do que marxista.

10 Digo isto do ponto de vista do aprendizado em si mesmo considerado. Mas sei que o processo de alfabetizar representa, desde as épocas mais remotas, excelente ocasião para transmitir não só palavras, como ideias e a visão do mundo que organiza as ideias. Mas não pretendo me atolar nesta questão.

aplaudida pela JUC em peso,¹¹ pelos católicos progressistas, que iam lá para “torcer” e bater palmas.

Mas eu me pergunto se Gilberto, que adivinhava as coisas muito de longe, não teria se oposto tão violentamente a P. F. e ao Reitor João Alfredo justamente por intuir que era a isso, ou equivalente, que levaria aquela movimentação. Gilberto, como já destaquei, tinha a pretensão de atuar como Luís XIV e não suportava nenhuma glória que dele não derivasse.¹²

Será que eu jamais teria adivinhado quando, em talvez outubro de 1962,¹³ fui pedir a Paulo Freire que me aceitasse no SEC, que, trinta e tantos anos depois, em Roma, quando eu dissesse “Freire”, as pessoas se lembrariam, não de Gilberto, mas de Paulo? Será que eu jamais teria imaginado que o diretor do Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade da Califórnia, em Los Angeles, haveria de considerar, em 1998, como título de glória, seus estudos sobre a obra de Paulo Freire, a quem considera, junto com Dewey, um dos dois maiores educadores do século?

De tudo quanto tenho percebido, o método de Paulo Freire é essencialmente eclético. Há, sem dúvida, afinidades com experiências adotadas logo no princípio da Revolução Soviética. Mas há também o elemento cristão, a insistência, se não sempre em Deus, pelo menos no “amor” e conceitos próximos, o que não exclui um oportuno e sadio contraste entre oprimidos e opressores. Há ainda as muitas infiltrações hegelianas – largamente derivadas de Álvaro Vieira Pinto – e fenomenológicas, com tudo aquilo que, em visão ortodoxamente marxista, representa um desvio em direção idealista, implicando, digamos assim, na reificação da consciência: uma consciência a partir da qual se organiza o mundo. Serei agora talvez de um abominável simplismo, mas direi que justamente esses elementos sincréticos parecem ter facilitado a adoção do método de Paulo Freire, como alternativa a outros métodos, porventura mais radicais.

Decididamente, meu caderno tem de tudo. É quase – mas será que é mesmo, ou sou eu que quero ser diferente? – um “stream of consciousness notebook”. Haverás então de saber, ó leitor, que minha amiga Maristela foi até hoje

11 A JUC era a “Juventude Universitária Católica”.

12 Sobre Gilberto precisamos ainda de trabalho biográfico detalhado, assentado, entre outras coisas, numa edição crítica de seus artigos de jornal, eu no caso pensando nos que publicou tanto no Diário de Pernambuco como no Jornal do Commercio, do Recife, entre 1959 e 1965.

13 A bolsa para a Holanda, que eu logo viria a receber de maneira inesperada, provavelmente em novembro, logo tornaria minha solicitação sem objeto. E quando eu voltei, em dezembro de 1964, desembarquei num mundo inteiramente diferente.

secretária de Educação da Prefeitura do Recife. E secretária muito eficiente, tanto que inaugurou, ou reinaugurou, bem umas doze escolas, além de várias outras realizações.

Houve uma homenagem a minha amiga. A festa coincidiu com a inauguração de uma nova escola em Iputinga, perto do casarão dos Barbalhos. E a escola se chama *Diná de Oliveira*, grande dama do Teatro de Amadores de Pernambuco e, de maneira mais ampla, grande dama da sociedade pernambucana, pertencente a uma família – Rosa Borges – das “principais da Capitania”.

Eu não quero fazer Filosofia da História, mas não resisto a uma reflexão. Será que a cerimônia de hoje não implicava justamente, em seu caráter completamente fora da História depois de tanta história, que quanto mais as coisas mudam, mais são as mesmas? E, evidentemente, houve mudanças nos últimos 30 ou 40 anos. A proporção de analfabetos caiu muito. A mortalidade infantil diminuiu exponencialmente.

Qual então o sentido da História pela qual tantos se sacrificaram? Reynaldo Oliveira, filho de Diná, que fez também um discurso, contou que aprendeu a ler com a mãe, que recortava do jornal as letras da palavra B-O-L-A. E isto ele disse com toda a espontaneidade, sem, até onde percebi, nenhuma implicação teórica.